

Ah'lam Aref Ahmad Tamimi, prisioneira do Hamas e líder das mulheres, foi condenada a 16 penas perpétuas



DocLisboa

“Eu fiz um filme para levar a paz ao Médio Oriente”

Shimon Dotan, realizador de *Hot House*, quis ouvir, sem julgar, os prisioneiros palestinianos. Ficou com duas certezas: eles conhecem bem o inimigo israelita e das prisões sairá uma nova geração de líderes - para a democracia e para a paz

Margarida Santos Lopes

● O cineasta romeno-israelita Shimon Dotan saiu da ficção para um documentário. Entrou em seis prisões e entrevistou uns 50 reclusos - de um total de dez mil nas cadeias de Israel. “Eu queria fazer um filme que levasse a paz ao Médio Oriente”, diz ao P2, por telefone, a partir dos Estados Unidos, onde reside. O seu *Hot House* é exibido hoje no DocLisboa.

Como surgiu a ideia de fazer *Hot House*?

Há muito tempo que trabalho no Canadá e nos Estados Unidos, e andava à procura de um projecto que me fizesse voltar a Israel. Antes, fiz um filme chamado *The Smile of the Lamb*, baseado num romance de David Grossman, que lida com o conflito israelo-palestiniano. Quis recomençar no ponto em que fiquei há 17 anos. Desta vez, fi-lo na forma de um documentário. Anteriormente, todo o meu trabalho era ficção. Foi assim que tudo começou.

Infelizmente muito pouco mudou desde há 17, 20 anos.

Foi difícil entrar em prisões com palestinianos condenados a várias penas perpétuas por sangrentos

actos terroristas?

Foi realmente muito difícil. Foi o primeiro documentário jamais feito sobre estas prisões. E, depois do meu filme, já não mais foi possível entrar. Precisei de muito tempo. Foram necessários 30 dias de rodagens num período de um ano.

Para conseguir a autorização, teve de bater a muitas portas, não?

Sim, mas a autorização não foi única para todo o filme. Cada dia era uma luta. Aconteceu que a minha decisão de fazer o filme coincidiu com a decisão da autoridade prisional de que não tinha nada a esconder. Na realidade, tinham até bastante orgulho nas prisões que geriam. Esta abertura ao mundo exterior deu-me a oportunidade única de chegar a estas pessoas.

Em quantas prisões entrou?

Em seis. A principal é a de Beersheva [no deserto], que é uma grande penitenciária com vários blocos. A maioria das imagens e das entrevistas provém desta prisão de Beersheva. A outra, que é também muito grande, é a de Ashkelon.

Foi difícil entrar nas celas, falar e ganhar a confiança dos prisioneiros?

Sim, no início foi. Bem, eu sou

israelita. Foi muito perturbador estar com eles face a face, não pelo que eles são mas pelo resultado das suas acções. Confesso que, ao princípio, me senti um pouco intimidado, mas ao mesmo tempo muito curioso. Decidi que, assim que eu entrasse nas prisões, não iria julgá-los. Eles já tinham sido julgados, e condenados. Decidi que iria ter com eles como ouvinte. De certo modo, creio que isso ajudou a estabelecer um relacionamento, porque tentei afastar-me do confronto. Não quis entrar num conflito ideológico - embora ele existisse -, mas esse não era o meu objectivo.

Como decorreram as conversas? Devo ter falado, um a um, com cerca de 50 indivíduos. Mas, geralmente, ia para celas que tinham 12 a 20 presos, e agia como se eles fossem uma espécie de *focus group*. Colocava um assunto na mesa e esperava que o discutissem, para apurar as opiniões. Uma cena marcante do seu documentário é aquela em que uma prisioneira do Hamas explica como transportou um bombista suicida até ao restaurante Sbarro, em Jerusalém, para se fazer explodir, e depois foi ler a notícia do ataque na televisão onde era

locutora. Quando a confronta com o número de crianças mortas, ela parece feliz por terem sido oito e não três, como pensava. Foi a entrevista que mais o perturbou?

Sim. Esta líder das mulheres, Ah'lam Aref Ahmad Tamimi [condenada a 16 penas perpétuas], recusou primeiro falar comigo. E não era só comigo. Era também com a imprensa israelita e ocidental. Perguntei à autoridade prisional se ela estaria interessada em falar sem câmaras. Ela aceitou, e tivemos primeiro uma longa conversa, não sozinhos, claro, mas com várias prisioneiras na companhia dela. Depois disso, ela convidou-me para a sua cela. Tivemos mais três encontros, e tornámo-nos conhecidos, se assim se pode dizer. No nosso último encontro, ficámos mesmo sozinhos na sua cela.

A mãe de uma jovem que morreu no atentado de Sbarro criticou-o num artigo no jornal *Ha'aretz*: por não ter feito uma única referência às vítimas, ter mostrado uma fotografia ou mencionado um nome. Como reagiu?

Eu fiz um filme sobre prisioneiros palestinianos. Não sobre as suas acções. Não me interessava abordar todo o ciclo de violência em Israel

e nos territórios palestinianos.

Os resultados dos actos destes prisioneiros foram largamente noticiados e analisados nos *media*. O que não havia era alguém que ouvisse o outro lado. É importante distinguir entre ouvir e aceitar o que eles fizeram, mas se não ouvirmos estamos a perpetuar este ciclo. Já vamos na quinta geração do conflito e parece que nada muda.

Há um prisioneiro que sonha ter filhos para lhes colocar um cinto de explosivos à cintura...

... é um bombista suicida falhado. Não encaixa no tipo de indivíduos que encontrei na prisão, mas foi tão convicto na sua declaração que acabei por o incluir no filme. É muito jovem e acho que daqui a uns anos vai mudar de ideias.

O filme dá a entender que, depois de vários anos em reclusão, os prisioneiros acabam por se tornar mais pragmáticos. Outra percepção é a de que os palestinianos nas prisões conhecem muito bem os seus israelitas, e que os guardas conhecem muito bem os palestinianos.

Tem toda a razão. É interessante, porque muitos disseram-me que, até irem para a prisão, só conheciam

os israelitas através da mira das espingardas, em combate. Nunca tinham falado ou estado frente a frente com um israelita. Estes tipos acabam a viver pacificamente durante anos! Fora da arena onde a acção [militar] se desenrola, acaba por emergir a humanidade. Isto dá algum *background* aos palestinianos quando saem da prisão. Alguns aprendem ou já são fluentes em hebraico. Muitos têm acesso a educação, desde a primária até graus académicos. Na prisão, têm instituições próprias, têm eleições. Têm uma rede de comissões e subcomissões. Têm uma vida social. **É como se a prisão fosse um Estado...**

Exactamente! Nas prisões eles adquirem as ferramentas da democracia. Isto dá-nos um raio de esperança para o futuro.

Numa entrevista, admitiu que ficou "a gostar" dos prisioneiros. Pode explicar?

Bem, quando nos sentamos tão perto das pessoas, falamos com elas, não podemos deixar de simpatizar com os indivíduos - não com as suas acções. Eles vêem-se como guerreiros pela causa do seu povo. E todos sabemos que num conflito sangrento quem dita as regras é o campo vencedor. Cada guerra que envolve civis envolve crimes contra a humanidade.

É uma surpresa que o seu documentário não inclua o mais famoso prisioneiro palestiniano, Marwan Barghouti, líder da Intifada. Porquê a ausência? Barghouti foi o único prisioneiro que não fui autorizado a entrevistar. A

razão é que, naquela altura e ainda agora, a sua voz tem grande poder fora da prisão. E havia a preocupação [das autoridades prisionais] que qualquer mensagem dele que saísse cá para fora tivesse um grande impacto político.

O filme sugere que a nova geração de líderes palestinianos capaz de fazer a paz com Israel poderá emergir das prisões. Ficou com essa convicção?

Tenho a certeza absoluta.

Mas de que campo? Dos nacionalistas da Fatah ou dos islamistas do Hamas?

Eu fiquei muito mais impressionado com os prisioneiros do Hamas do que com os da Fatah. São muito mais cultos, disciplinados. Ficamos com a sensação de que são interlocutores. O Hamas está hoje onde a Fatah estava há 15 anos. Não digo que eles vão abdicar dos seus sonhos, mas poderão desistir de alguns, por questões práticas. O Hamas pode vir a ser parte da resolução do conflito.

O que espera da exibição de *Hot House* em Lisboa?

Quando estava nas prisões a fazer o filme, havia um sentimento de que fazíamos História. Eu quis fazer um filme que levasse a paz ao Médio Oriente. Era o que tinha em mente (risos).

Hot House

De Shimon Dotan

LISBOA Culturgest. R. Arco do Cego. Hoje, às 21h. Tel.: 217905155. Bilhetes a 2,50 euros